

## FRASEOLOGIA E PODER: A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE E SUBMISSÃO EM O CONTO DA AIA

Jeanine Casagrande<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa fraseologias presentes no dialeto de Gilead, uma teocracia totalitária descrita na obra *O Conto da Aia*, da autora Margaret Atwood. Como objetivo geral, busca-se verificar como o uso das fraseologias presentes no livro auxiliam na manutenção do regime totalitário vigente. Para isso, são consultados autores que pesquisam sobre a fraseologia e a intersecção entre linguagem e poder e assim, feitas ponderações acerca dessa relação. Dessa forma é possível demonstrar a influência que a linguagem exerce sobre o pensamento e o comportamento popular. Visando alcançar o objetivo proposto, o contexto da obra é trazido de maneira resumida e uma busca manual por fraseologias é realizada. A partir das fraseologias identificadas nos trechos apresentados e dos conceitos trazidos, conclui-se que a linguagem é um recurso utilizado em Gilead para manipular e controlar os seus habitantes. Através da manipulação e do uso intencional da língua, aqueles que estão no topo da hierarquia na história narrada conseguem assegurar o seu poder mantendo o povo submisso.

**Palavras-chave:** Fraseologia, *O Conto da Aia*, Margaret Atwood, Poder, Linguagem.

### INTRODUÇÃO

O artigo a seguir visa analisar a presença de fraseologias na obra *O Conto da Aia* escrita por Margaret Atwood. Neste livro, a autora descreve a trajetória de uma mulher forçada a servir como aia em uma sociedade totalitária de cunho teocrático chamada Gilead. Além de descrever a vida, os sentimentos e pensamentos ocultos da protagonista, Atwood também apresenta rituais e falas exaustivamente repetidos nessa realidade distópica.

Desejamos através desse estudo averiguar como o uso das fraseologias existentes no discurso de Gilead auxiliam na manutenção do regime totalitário vigente na narrativa. O reconhecimento da influência que a linguagem tem na maneira de pensar e de agir de uma sociedade nos permite perceber como a língua é utilizada para preservar o poder na sociedade fictícia em análise. No entanto, esse conhecimento também nos prove os instrumentos de observação necessários para estudarmos a sociedade da qual fazemos parte e termos cautela diante de manifestações com intuítos manipulatórios.

---

<sup>1</sup> Mestranda da Curso de Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul – RS, [jcasagrande2@ucs.br](mailto:jcasagrande2@ucs.br)



Além do interesse linguístico e social mencionados acima, o estudo da intersecção entre fraseologia e o estudo da linguagem como instrumento de controle e submissão também é relevante por ser pouco explorado. Ao fazer uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com os termos fraseologia, poder, submissão e controle foi identificada uma lacuna em trabalhos que investigassem esse tema, sendo a maioria dos estudos relacionados a fraseologia voltados a tradução.

Sobre os objetivos desse artigo, temos como objetivo geral verificar como o uso das fraseologias presentes no livro *O Conto da Aia* auxiliam na manutenção do regime totalitário vigente. Como objetivos específicos, temos: a) conceituar fraseologia; b) ponderar sobre a relação entre linguagem e poder; c) identificar excertos da história nos quais constem fraseologias em uso; e d) compreender a influência que o uso da língua tem em moldar o pensamento e o comportamento popular.

Em vista de alcançar os objetivos propostos, se faz necessário uma busca manual na obra escolhida visando identificar excertos do texto que contemplem fraseologias em contexto, de forma a mostrar que o uso delas é repetitivo e intencional. Feito isso, será possível ponderar sobre a relação entre fraseologias e a linguagem como instrumento de controle e submissão.

O presente artigo está organizado em mais cinco capítulos. Em *Fraseologia*, é apresentada a definição de fraseologia e considerações relacionadas ao tema. Em *Linguagem e Poder*, são apresentadas noções relevantes para compreensão e embasamento desse estudo. Em *Análise, Resultados ou Discussão*, haverá excertos do texto contendo fraseologias em contexto de forma a mostrar a intencionalidade em seu uso. Na conclusão, verificaremos se os objetivos apontados foram alcançados e traremos sugestões de aprofundamento do tema. Por fim, teremos as Referências Bibliográficas na qual é possível encontrar todos os trabalhos que fundamentaram esse texto.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo voltado à investigação do uso de fraseologias na obra *O Conto da Aia* e sua relação com a manutenção do regime totalitário retratado na narrativa. O corpus da pesquisa é constituído por excertos da obra citada. A seleção dos trechos foi realizada por meio de busca manual, com foco na identificação de unidades fraseológicas recorrentes no dialeto oficial da sociedade fictícia de Gilead. Foram priorizadas as expressões que aparecem com maior frequência no romance e



que desempenham função relevante nos rituais de interação social entre as personagens, especialmente entre as Aias.

A coleta de dados seguiu os seguintes procedimentos: a. leitura integral da obra; b. identificação e registro de excertos que contivessem fraseologias em uso; c. seleção das fraseologias mais recorrentes e funcionalmente significativas para os objetivos da pesquisa; d. organização dos trechos de acordo com as expressões identificadas.

Sobre a análise das fraseologias selecionadas, realizou-se a fundamentação teórica sobre fraseologia e sobre a relação entre linguagem e poder. Em sequência, realizou-se a contextualização narrativa dos excertos selecionados, situando-os no âmbito da estrutura social, religiosa e política de Gilead, a fim de compreender o funcionamento das fraseologias. Por fim, discutiu-se o papel das expressões como instrumentos de controle social, doutrinação ideológica e submissão das personagens.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Diferentes autores divergem ao conceituar fraseologia, enquanto alguns acreditam que ela se limita a expressões idiomáticas próprias de uma língua, outros já acreditam que os provérbios, os ditados, as locuções e as lexias compostas também são consideradas fraseologias (Bevilacqua, 2005).

Há também autores que afirmam que a estrutura das fraseologias não é fixa, logo pode variar de uma palavra a um grupo de palavras, assim como pode incluir locuções, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases, entre outros (Bevilacqua, 2005). De acordo com Monteiro-Plantin (2017), a fraseologia pode ser definida como o conjunto de unidades fraseológicas, sendo elas:

combinações de unidades léxicas relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que muitas vezes de forma inconsciente (Monteiro-Plantin, 2017, p.1).

As fraseologias podem ser divididas em fraseologias da língua comum e da língua especializada. Sendo que as da língua especializada se caracterizam por focar em fraseologias específicas de diferentes áreas do conhecimento. No entanto, para este artigo somente é relevante nos aprofundarmos na definição de fraseologias da língua comum conforme veremos a seguir (Bevilacqua, 2005).



Da perspectiva da aprendizagem das fraseologias da língua comum, os falantes nativos sabem como e quando utilizá-las de maneira instintiva, somente apresentando dúvidas em relação ao seu uso quando se trata de um segundo idioma. Logo, quando um indivíduo é capaz de utilizar fraseologias em uma língua diferente da sua língua materna, ele demonstra ter um alto grau de competência linguística naquele idioma (Bevilacqua, 2005).

Outra característica importante das fraseologias da língua comum diz respeito a maneira que o seu significado é compreendido, pois o mesmo “não pode ser deduzido de forma independente por cada um dos elementos que a compõem, mas pelo conjunto desses elementos” (Bevilacqua, 2005, p.77). Dessa forma, entendemos que o sentido expresso por uma fraseologia deriva do conjunto do qual ela faz parte (Bevilacqua, 2005).

Ao nos aprofundarmos nos estudos da linguagem, devemos em primeiro lugar compreender que ela está intimamente ligada a ideia de cultura. Tanto é que a língua é considerada por alguns autores como o espelho da sociedade, pois ela reflete a cultura e a visão de mundo de toda uma comunidade (BENVENISTE, 1989; KRAMSCH, 2014).

No entanto, é preciso ter cuidado ao comparar duas línguas por mais que elas sejam parecidas. Pois, não há duas línguas que sejam semelhantes o suficiente para que possam ser consideradas representações de uma mesma realidade social. De outra forma, estaríamos tratando as línguas como rótulos diferentes de uma mesma sociedade (Kramsch, 2014).

A língua e a sociedade se moldam num processo mútuo. É a partir da língua que a cultura é transmitida para as novas gerações e que os indivíduos que fazem parte daquela comunidade são formados, assim como a sociedade prove a língua o ambiente propício para que ela possa se concretizar e evoluir (Benveniste, 1989). Sendo assim, afirmamos que:

a língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos (Benveniste, 1989, p.97).

Nesse processo, que envolve tanto a língua quanto a sociedade, a língua não pode ser vista apenas como uma ferramenta utilizada para reproduzir ideias, mas como uma modeladora de ideias que determina a forma de pensar e agir dos indivíduos que as falam. Sendo assim, ao aprendemos uma segunda língua, não estamos somente aprendendo um idioma, estamos também acessando o repertório cultural dos seus falantes nativos (Schröder, 2023).

Considerando o caráter criativo e infinito em possibilidades da língua assim como a influência que ela tem na maneira como seus falantes pensam e agem, percebemos ela pode



ser utilizada com intencionalidade para despertar pensamentos e emoções. As palavras não exprimem significados diversos por conta própria, elas podem ser levadas a isso para servirem a interesses políticos através do discurso (BENVENISTE, 1989; KRAMSCH, 2014).

Diante disso não podemos ignorar que as línguas não são neutras. Quando, por exemplo, um idioma invisibiliza o sexo feminino através do uso de pronomes, substantivos ou quaisquer outras classes de palavras, também está deixando a mulher invisível no discurso social e ignorando a sua importância como membro ativo de uma comunidade (Von Flotow, 1997).

Dessa forma, vemos que as línguas não são apenas um recurso usado para a comunicação. Elas são também um recurso utilizado para a manipulação social de acordo com o interesse daqueles que dominam o discurso, e, portanto, detêm o poder. Sendo assim, é urgente que todos nós membros integrantes de uma sociedade, e assim falantes de uma língua, estejamos cientes de que estamos sujeitos a sermos manipulados por discursos tendenciosos a todo momento (KRAMSCH, 2014; VON FLOTOW, 1997).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentadas as fraseologias presentes em *O Conto da Aia* que foram selecionadas para análise. Nem todas as fraseologias puderam ser contempladas neste estudo, sendo assim escolhidas as que foram utilizadas com maior frequência no romance. Devido a história se passar em uma sociedade teocrática, as referências a Deus, sejam explícitas ou implícitas são constantes.

Na história, a taxa de fertilidade e, conseqüentemente, de natalidade caiu de maneira abismal. Logo, dentro do contexto de radicalismo religioso de Gilead, algumas mulheres férteis chamadas de Aias são forçadas a assumir o papel de reproduzir com Comandantes que fazem parte do alto escalão do governo. Esse papel performado pelas Aias assume um viés sagrado na trama visando justificar e mascarar a violência que elas sofrem.

Por se tratar de um governo que assumiu sua posição atual através de um golpe de estado e que tolheu completamente os direitos das mulheres, a aura de medo e violência é constante. No trecho a seguir, leremos um diálogo entre duas Aias que exemplifica esse cenário.



Nele podemos verificar dois casos de fraseologias “Bendito seja o fruto” e “Que possa o Senhor abrir”, sendo a segunda frase a resposta considerada adequada para a primeira saudação. Elas estão destacadas em negrito e sendo utilizadas em um contexto que possibilita situar o leitor a respeito do uso delas.

**-Bendito seja o fruto** – diz ela pra mim, a expressão de cumprimento considerada correta entre nós.

**-Que possa o Senhor abrir** – respondo, a resposta também correta. Viramos e caminhamos juntas passando pelas grandes casas, em direção à parte central da cidade. Não temos permissão de ir lá exceto em pares. Supostamente isso é para nossa proteção, embora a ideia seja absurda: já somos bem protegidas. A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhadas diárias, a outra será responsável (Atwood, 2017, p. 29).

Ambas as fraseologias apontadas fazem referência ao papel sagrado de procriar desempenhado pelas Aias em Gilead. Dessa forma, reforçando a ideologia e a estrutura hierárquica de gênero e fé estabelecidas. Outra fraseologia bastante utilizada é apresentada a seguir:

Passamos pelas lojas e chegamos de novo à barreira de controle, e somos autorizadas a passar. Seguimos em frente em meio às grandes casas de aparência vazia, com os gramados sem ervas daninhas. Na esquina perto da casa onde é meu posto de serviço, Ofglen para, se vira para mim.

**-Sob o Olho Dele** – diz ela. A despedida correta.

**-Sob o Olho Dele** – respondo, ela me faz um pequeno sinal de cabeça. Hesita, como se fosse dizer alguma coisa, mas então se vira e sai andando pela rua. Ela é como um reflexo de mim mesma, em um espelho do qual estou me afastando (Atwood, 2017, p. 61).

A fraseologia em destaque utiliza a palavra *olho* como forma de lembrar a todos que eles estão sendo vistos e, portanto, vigiados, seja por Deus ou pelos espiões de Gilead. Ela alia os valores religiosos com a ideia de vigilância constante, instigando assim o medo naqueles que pensam em descumprirem as regras impostas, seja por medo do divino ou medo daqueles que dizem agir em nome de Deus.

Em sequência, será mostrada a última fraseologia a ser comentada neste artigo. Quando as Aias usam a frase “Louvado seja”, verificamos novamente o quanto o vocabulário delas é manipulado para demonstrar obediência aos valores determinados e reprimir atitudes ou falas espontâneas que sugerem pensamento individual.

Durante essas caminhadas ela nunca disse nada que não fosse estritamente ortodoxo, no entanto, nem eu. Pode ser uma verdadeira crente, uma Aia em mais do que apenas o título. Não posso correr o risco.

**-A guerra está indo bem** – diz ela.



-**Louvado seja** – respondo.

-Tivemos a bênção do tempo bom.

-Que eu recebo com alegria.

-Derrotaram mais rebeldes, desde ontem.

-**Louvado seja** – respondo. Não lhe pergunto como sabe. O que eram eles?

-Batistas. Tinham uma fortaleza nas Colinas Azuis. Eles os obrigaram a sair de lá.

-**Louvado seja** (Atwood, 2017, p.30).

A partir da leitura das fraseologias e dos trechos trazidos podemos perceber o quanto a linguagem é manipulada em Gilead, suprimindo e intimidando conversas que demonstrem reflexão, opinião ou discordância aos ideais impostos. Além disso, elas têm cunho adorativo e são vistas e encorajadas como saudações corretas a serem usadas por todos, sendo assim utilizadas como um meio de coagir a todos a seguir a religião imposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme verificamos neste artigo, as fraseologias presentes no livro O Conto da Aia não são simples saudações, elas servem como instrumentos de controle e submissão em Gilead. Lendo os trechos trazidos identificamos que através das fraseologias analisadas “Bendito seja o fruto”, “Que possa o Senhor abrir”, “Sob o Olho Dele” e “Louvado seja” o controle social é mantido, imprimindo sob os membros daquela sociedade os valores religiosos, misóginos e autoritários dos seus líderes, assim como incitando o medo e a culpa.

No que diz respeito aos objetivos estabelecidos todos foram cumpridos, uma vez que a relação entre o uso das fraseologias presentes na obra com a preservação do regime totalitário vigente em Gilead foi comprovada. Além disso, conceituamos fraseologia, discutimos sobre a relação entre linguagem e poder, apresentamos trechos da história que contém fraseologias e analisamos a sua ligação com desejo de manipular o pensamento e o comportamento daqueles que fazem parte da comunidade em questão.

Apesar da situação descrita por Atwood em O Conto da Aia se tratar de uma distopia, a maneira como a doutrinação é conduzida na narrativa nos mostra que devemos estar atentos. Utilizar a linguagem como um instrumento para reforçar uma hierarquia de gênero, poder e fé é dar espaço a uma fórmula já conhecida na história mundial.

A dinâmica da manipulação social nem sempre é visível para todos, principalmente para aqueles que estão envolvidos e sensíveis àquele discurso. Como sugestão para estudos



futuros, seria interessante investigar quais são os mecanismos utilizados para criar falas que servem a interesses políticos e visam manipular o pensamento e o comportamento popular.

Da mesma forma, proponho também que a análise realizada neste artigo seja feita com outras obras, inclusive contemplando obras que façam parte da literatura brasileira. Outra possibilidade seria analisar textos jornalísticos e/ ou discursos políticos à luz da intersecção entre linguagem e poder.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 366 p.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. cap. 6, p. 93-104.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. *Revista Língua e Literatura*, Frederico Westphalen, v. 6 e 7, n. 10/11, p. 73-86, 2005. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/40>. Acesso em: 14/10/2025.

KRAMSCH, Claire. Language and Culture. *AILA Review*, [S. l.], v. 27, p. 30-55, 2014. DOI 10.1075/aila.27.02kra. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/docserver/fulltext/aila.27.02kra.pdf?expires=1760467315&id=id&acname=guest&checksum=49C7F27F2205622974D34AC91EB7C943>. Acesso em: 14/10/2025.

SCHRÖDER, Ulrike. Linguagem, cultura e cognição: da Filosofia pela Linguística Antropológica à Linguística Cultural. *Matraga*, v. 30, n. 59, p. 239-253, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/73494>. Acesso em: 14/10/2025.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. ReVEL na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? *ReVEL*, v. 15, n. 29, 2017. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/es/edicoes/?id=47>. Acesso em: 14/10/2025.

VON FLOTOW, Luise. Historical background: Women and language. *In*: VON FLOTOW, Luise. *Translation and gender: Translating in the "Era of Feminism"*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997. cap. 1, p. 5-13.

